

# A MEMÓRIA DE UM LOUCO<sup>1</sup>

A. A. de Aguiar Whitaker



## I

[77]<sup>2</sup> O Sol vinha de descambar afogueado, deixando no horizonte do poente um rastro avermelhado, e o sino da catedral anunciava trindades; o aspecto tranquilo do jornaleiro, que deixava o seu trabalho afanoso, o rosto sereno da donzela, que orava ao lado de sua mãe, a fisionomia plácida e respeitável do ancião, que de joelhos mandava graças ao criador, tão profundo me calavam n'alma como a hora do suplício terrível que bate às portas do sentenciado; o silêncio religioso dessa hora consagrada ao mais santo dos deveres coava-me pelo coração um tormento amargo e frio.

Envolto no meu manto escuro, fugi do povoado, furtando-me às vistas esquadrihadoras do povo, como se me julgasse uma maldição animada, evitando o contato dos entes de minha espécie, como se fora uma miséria vivente; procurei o campo, e fui sentar-me à sombra de um tronco encurvado pelo correr dos tempos, cujos galhos nus erguiam-se tortuosos

---

<sup>1</sup> WHITAKER, A. A. de Aguiar. A memória de um louco. *O Ateneu Pernambucano*, Pernambuco, v. 2, n. 3, p. 77-78, jul. 1857.

<sup>2</sup> Os números entre colchetes referem-se aos números das páginas da referência.

para o céu como em adoração a Deus; aí, encontrando no murmurar do vento por entre a escuridão um simulacro dos gemidos do meu coração por entre as fráguas de minha alma, entregue a minhas únicas meditações, deixei correr as lágrimas do arrependimento que, lavando-me as faces descoradas pela libertinagem, abrandavam-me a dor íntima, e profunda...

O negrume havia desdobrado na amplidão dos ares o mais espesso de seus mantos, e nas torres da cidade ao longe haviam soado alternativamente as horas da meia-noite quando eu fui arrancado dessa espécie de entorpecimento em que me tinha lançado o embate tumultuoso de encontradas paixões pelo pio monótono e prolongado de uma coruja que redemoinhando por sobre a minha cabeça se perdeu no espaço; ergui-me de súbito e vacilante encostei-me ao tronco que me parecia tremer como em um terremoto, mandei os olhos ao céu, e ia pronunciar o nome de Deus, porém a voz se me perdeu nos lábios... Uma mancha rubra se estampava no horizonte e oscilante subia procurando o zênite do firmamento... Parou, e um pingo de sangue veio molhar a terra de onde sem querer meus pés fugiram. Desta vez não era o bruxulear escasso de um pirilampo que me fazia estremecer, o suor frio que manava-me da fronte aí estava apontando-me para a realidade; o sangue gelou-se-me nas veias, e eu caí com a cabeça abrasada como a de um condenado.



Não sei o tempo que passei assim, mas quando acordei, em vez dessa mancha agitando-se nos ares, como um fantasma a debater-se nas vascas da agonia, em vez desse sangue, que, caindo-me às plantas, trouxe-me de tropel ao pensamento todos os horrores do meu passado, eu ouvia agora um

como que gemer angustiado, que partia das entranhas da terra; sem hesitar mais um momento arranquei do cinto o meu punhal e cavei, porém a terra me fugia das mãos e voltava a cobrir tantos soluços, o meu coração (foi talvez uma inspiração) tinha cobrado toda a sua energia, e o meu cavar era firme e compassado como o vibrar de uma pêndula; dir-se-ia o concussionário avaro a desenterrar um tesouro; ao cabo de algum tempo a ponta do meu punhal resvalou de encontro a uma lâmina de ferro, a esperança dobrou-me as forças, cavei com mais afã, e descobri uma caixa de pau chapeada, na tampa havia em relevo uma inscrição, e eu li pelo tato “A mulher adúltera”, quebrei com precipitação a fechadura, levantei a tampa, e encontrei um terrível mistério... Nesse féretro estava um corpo de mulher trajada de preto, calçava em um só pé, o outro era frio como a terra que havia pouco lhe servira de lençol; seus cabelos barbaramente torcidos atavam sobre o peito seus braços mais perfeitos que os de uma estátua; toquei o seu coração, batia ainda, mas o seu pulsar era fraco como o respirar de um inseto; tinha o rosto coberto por um véu de seda escura; levantei-a aos ombros e corri, atravesssei sem quase sentir a distância que me separava da cidade, internei-me pelas ruas tortuosas, e cheguei à frente de minha habitação, sem que a voz rouca e sonolenta de um sentinela ao menos me tivesse embaraçado; uma luz amarelenta e titubante como a lâmpada do morto atravessava os vidros embaciados do meu quarto de dormir, o resto era escuro e ruinoso; um não sei quê de lúgubre havia nessa luz que eu involuntariamente parei [78] (a consciência de tantos crimes me tinha tornado por demais supersticioso), o estremecer porém do meu fardo lembrou-me que era mister prosseguir; bani do espírito todas as ideias fantásticas e, inteiramente entregue à realidade, entrei, subi de um salto as

escadas carcomidas que rangiam sob meus pés e em breve achei-me no meu quarto. Descansei a minha preciosa carga sobre a velha mesa coberta de papéis desordenados e dispunha-me a sair em busca de um médico, quando o rasgar violento de um pano de seda advertiu-me que já não era necessário; o ar livre da noite, o frescor da brisa e o abalo do meu caminhar violento tinham reanimado aquele corpo gentil; corri para essa mulher infeliz que havia pouco arrancara do túmulo e cujas feições ainda não tinha visto, mas que agora com o rosto descoberto olhava-me com uma expressão misturada de espanto, amargura e exprobração; quis falar-lhe, mas apenas os meus olhos encontraram os dela, recuei como fascinado por um espectro, e caí de joelhos murmurando perdão...

## II

Era ela! A mulher cuja extraordinária beleza me tinha levado a tantos crimes. Era Carlota a quem eu amei a princípio com ternura, mas em cujo coração acobertado pela virtude o meu amor resvalava como o punhal do assassino na armadura de aço do guerreiro. Era Carlota a quem eu amei depois com avidez brutal, mas cuja pureza d'alma zombara de todos os meus esforços, como o cume escaldado do rochedo escarnece das impetuosas rajadas do tufão.

Tresloucado por tantas perfeições, despeitado por tanta virtude, tentei separá-la de seu marido (mirre-se o coração e arda a mente que concebeu tal perfídia), disse a esse homem, amante dedicado, porém a quem eu abominava, que sua mulher o não amava; que amava a outro, e levei a covardia a ponto de dizer-lhe que ela lhe era infiel. Dotado de perspicácia e

perversidade, convenci-o da veracidade de minhas palavras, e a minha cabeça ardilosa, impune, se não separou do coração envenenado... maldição! Eu não tinha medido o alcance de minhas palavras, néscio que me não lembrei que, assim como o amor, o ciúme enlouquece, e mata; que, assim como a maldade fria e calculada, a desesperação assassina e tormenta.

### III

Era pois Carlota, essa mulher mártir do amor e da virtude a quem o mais infame dos verdugos havia arrancado do túmulo para causar-lhe ainda uma dor, e depois deixá-la morrer...

— Perdão! — disse ela a tremer. — Perdão para vós! oh! não... meu Deus, eu não posso, não, eu não vos perdoo... — Foram as suas únicas palavras, e ela caiu em uma convulsão de morte...

Levantei-me, abracei-me a seus pés, que sentia esfriarem, e de espaço a espaço murmurava “perdão”; ela porém estava morta...

No outro dia fui encontrado assim, prenderam-me por louco, separaram-me de minha vítima, e eu não pude morrer devorado pelos vermes que a consumissem.



## FICHA TÉCNICA

**Coordenação:** Júlio França e  
Oscar Nestarez

**Pesquisa:** Ana Giulia Mussury,  
Ana Resende, Magda Oliveira e  
Maíra Kirovsky

**Preparação e revisão de texto:**  
Ana Paula dos Santos, Daniel  
Augusto P. Silva e Laura Cardoso

**Design gráfico:** Renata Luz

# Tênebra

Biblioteca digital de  
narrativas obscuras  
brasileiras

